

# MAREM GEM ESQUERDA

**REVISTA DA BOITEMPO**

41 2º SEMESTRE, 2023



Copyright © Boitempo, 2023  
Margem Esquerda – revista da Boitempo n. 41

Direção-geral  
**Ivana Jinkings**

Editor  
**Artur Renzo**

Assistência editorial  
**Marcela Sayuri e Isabella Teixeira**

Editor de imagens  
**Francisco Klinger Carvalho**

Editor de poesia  
**Flávio Wolf de Aguiar**

Preparação  
**Carolina Hidalgo Castelani**

Revisão  
**Daniel Aurélio**

Capa  
**Artur Renzo e Natasha Weissenborn**

Imagens da capa e miolo  
**Gabriela Fero**

Palestina, 2022, óleo e acrílica sobre tela, 200 x 160 cm (capa); Valsa da sedição, 2023, óleo e acrílica sobre tela, 200 x 310 cm (quarta capa); Sem título, 2022, óleo e acrílica sobre madeira, 210 x 310 cm (capas internas); Sem título, 2023, óleo e acrílica sobre lona, 210 x 170 cm (p. 6); Sem título, 2021, acrílica, óleo e massa corrida sobre lona, 200 x 150 cm (p. 36); Sem título, 2023, óleo e acrílica sobre lona, 210 x 170 cm (p. 37); Sertão, 2021, óleo e acrílica sobre algodão cru, 210 x 310 cm (p. 38 e 44); Piazzale Loreto à brasileira, 2022, óleo e acrílica sobre lona 210 x 310 cm (p. 50); Sem título, 2020, acrílica e óleo sobre algodão cru, 160 x 400 cm (p. 54); Sujeição e revolta nº 1, 2023, óleo sobre tela 200 x 310 cm (p. 55); Sem título, 2022, óleo e acrílica sobre lona, 210 x 310 cm (p. 62); Entregador, 2021, óleo sobre tela 200 x 160 cm (p. 68); Sem título, 2021, acrílica, óleo e massa corrida sobre lona 200 x 150 cm (p. 122); Sem título, 2023, óleo e acrílica sobre lona, 210 x 210 cm (p. 160).

Fotos de Marina Ribas e Nanda Godoy.

Projeto gráfico e diagramação  
**Antonio Kehl**

Coordenação de produção  
**Livia Campos**

Impressão e acabamento  
**Rettec**

ISSN 1678-7684  
número 41: setembro de 2023

É vedada a reprodução de qualquer parte desta revista sem a expressa autorização da editora.

BOITEMPO  
Jinkings Editores Associados Ltda.  
Rua Pereira Leite, 373 – Sumarezinho  
CEP 05442-000 São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3875-7250 / 3872-7285  
editor@boitempoeditorial.com.br  
boitempoeditorial.com.br | blogdaboitempo.com.br  
facebook.com/boitempo | twitter.com/editoraboitempo  
youtube.com/tvboitempo | instagram.com/boitempo

## Sumário

Apresentação .....9  
ARTUR RENZO

### ENTREVISTA

Nancy Fraser ..... 11  
BRUNA DELLA TORRE e NATHALIE BRESSIANI

### DOSSIÊ: PÃO, POLÍTICA E TERRA – A QUESTÃO AGRÁRIA NO SÉCULO XXI

Apresentação .....37  
FABIANO ESCHER e LUIZ FELIPE OSÓRIO

Marxismos, ecologia política e a questão ambiental contemporânea .....38  
FLÁVIA BRAGA VIEIRA e MARÍA JULIA GIMÉNEZ

A agroecologia nas lutas sociais: expressão de um conflito intermetabólico .....44  
JORGE O. ROMANO e PAULO F. PETERSEN

Questão agrária, lutas por terra e a CPI do MST .....50  
LEONILDE SERVOLO DE MEDEIROS

As galinhas sob a guarda das raposas: a captura corporativa da governança agroalimentar global .....55  
IGOR PALMA BARBOSA e THIAGO LIMA

O curto verão dos Fiagros?: os fundos de investimentos do agronegócio e a hipoteca do futuro .....62  
CASSIO ARRUDA BOECHAT

## ARTIGOS

- Pagu, militante do ideal.....69  
MARIA LYGIA QUARTIM DE MORAES e MARTA NEHRING
- História e consciência de classe: grandeza e limites .....86  
JOSÉ PAULO NETTO
- No meio do caminho: a legitimação do trabalho uberizado no Brasil? .... 107  
MURILLO VAN DER LAAN e MARCO GONSALES

## CHILE 1973

- 50 anos do golpe que derrubou Salvador Allende: um depoimento .... 123  
BELUCE BELLUCCI e CARLOS VAINER
- Imperialismo e fascismo em acusação ..... 137  
JOÃO QUARTIM DE MORAES

## HOMENAGEM

- Zé, ou a beleza da vida coletiva..... 143  
JEAN TIBLE

## RESENHA

- Walter Benjamin à l'esprit ..... 147  
GABRIEL S. FIGUEIREDO

## NOTAS DE LEITURA

- As origens da sociologia do trabalho: percursos cruzados entre Brasil e França*, de Ricardo Festi..... 153  
JOÃO PEDRO INÁCIO PELEJA
- Brasil sob escombros: desafios do governo Lula para reconstruir o país*, de Juliana Paula Magalhães e Luiz Felipe Osório (orgs.) ..... 154  
JOÃO FELIPE DE ALMEIDA FERRAZ
- O Brasil desenvolvimentista e a trajetória de Rômulo Almeida: projeto, interpretação e utopia*, de Alexandre de Freitas Barbosa ..... 156  
FERNANDO GARCIA

## POESIA

- Poema..... 158  
NORMAN BETHUNE
- Um comunista canadense na Guerra Civil Espanhola ..... 159  
FLÁVIO WOLF DE AGUIAR

MARGEM  
ESQUERDA

REVISTA DA BOITEMPO  
41 2º SEMESTRE, 2023

### Comitê de redação deste número

Alysson Mascaro • Artur Renzo • Fabio Mascaro Querido • Ivana Jinkings •  
Luiz Bernardo Pericás • Luiz Felipe Osório • Maria Lygia Quartim de Moraes

### Conselho editorial

Afrânio Mendes Catani • Antonio Carlos Mazzeo • Boaventura de Sousa Santos •  
Emir Sader • Heloísa Fernandes • João Alexandre Peschanski • José Paulo Netto  
• Maria Lucia Barroco • Maria Orlanda Pinassi • Michael Löwy • Paulo Arantes •  
Paulo Barsotti • Pedro Davoglio • Ricardo Antunes • Roberto Schwarz • Slavoj Žižek

### Em memória

Carlos Nelson Coutinho • Emília Viotti da Costa • Francisco de Oliveira •  
István Mészáros • Jacob Gorender • Leandro Konder • Mario Duayer •  
Miguel Urbano Rodrigues

### Conselho de colaboradores

Alexandre Linares • Angélica Lovatto • Antonino Infranca • Antônio Ozaí da Silva  
• Antonio Rago • Caio Antunes • Camilo Caldas • Canrobert Costa Neto • Carla  
Ferreira • Carlos Eduardo Martins • Carlos Serrano Ferreira • Clarisse Castilhos •  
Claudia Mazzei Nogueira • Edilson Gracioli • Fernando Garcia de Faria • Fernando  
Marcelino • Gaudêncio Frigotto • Geraldo Augusto Pinto • Gilberto Maringoni •  
Henrique Amorim • Isabella Marcatti • Isleide Fontenelle • Jair Pinheiro • Jesus  
Ranieri • João dos Reis Silva Jr. • João Sette Whitaker • Jonathan Erkert • Jorge  
Grespan • José Luís Fiori • Juliana Paula Magalhães • Kim Wilhelm Doria • Liliana  
Segnini • Lincoln Secco • Luciano Vasapollo • Lúcio Flávio Almeida • Luiz Ismael  
• Marcelo Ridenti • Marco Aurélio Santana • Mathias Luce • Maurício Gonçalves  
• Milton Pinheiro • Nélio Schneider • Otília Arantes • Paula Marcelino • Paulo  
Denisar Fraga • Plínio de Arruda Sampaio Jr. • Roberto Leher • Rodrigo Castelo  
• Ronaldo Gaspar • Rosane Borges • Ruy Braga • Silvio Luiz de Almeida • Sofia  
Manzano • Taylisi de Souza Corrêa Leite • Tiago Ferro • Victor Hugo Klagsbrunn  
• Virgínia Fontes • Wolfgang Leo Maar

contato: [margemesquerda@boitempoeditorial.com.br](mailto:margemesquerda@boitempoeditorial.com.br)



## Marxismos, ecologia política e a questão ambiental contemporânea

FLÁVIA BRAGA VIEIRA  
MARÍA JULIA GIMÉNEZ

No século XIX, Marx e Engels demonstraram que a pobreza e a desigualdade no capitalismo são estruturais e resultado direto da contradição entre capital e trabalho. Mais ainda, afirmaram que não há saída dentro desse sistema para as mazelas sociais que ele próprio produz.

No final do século XX e começo do século XXI, outra contradição inerente ao capitalismo se tornou evidente: a contradição entre sociedade e natureza. A exploração predatória dos recursos naturais – pautada pela lógica da acumulação capitalista que se traduz, sobretudo, pela crescente produção de mercadorias – carrega consigo não apenas a destruição de vidas humanas e nosso modo de viver, como também das múltiplas existências não humanas. Apesar de aparentar ser um sistema de produção, o capitalismo é, ao fim e ao cabo, um sistema essencialmente destrutivo.

Este artigo apresenta breves reflexões sobre esse campo problemático nos clássicos da tradição marxista, aprofunda a perspectiva da ecologia política latino-americana e conclui com alguns apontamentos contemporâneos.

### Marxismos e a contradição sociedade-natureza

Ao contrário do extenso trabalho de formulação sobre a contradição capital-trabalho e sobre a necessidade de sua superação, não houve, no marxismo, o mesmo esforço para a contradição sociedade-natureza. Grande parte desse silêncio se deve ao fato de que o marxismo é

tributário, por um lado, do positivismo do século XIX, com sua crença na ciência e na técnica, e, por outro, de uma visão antropocêntrica, evolucionista e eurocêntrica da história, que compreendia a sociedade capitalista como estágio superior do desenvolvimento. Em ambas as abordagens, a subjugação da natureza se apresentava como caminho e indicador de melhoria nas condições de vida.

Como sabemos, a influência dessas abordagens dentro do marxismo foi desastrosa, uma vez que impediu a compreensão sobre a destrutividade do capitalismo em relação à natureza e aos povos não capitalistas, e, por momentos, abraçou os discursos de supostos avanços civilizatórios. Referimo-nos, por exemplo, às reflexões do próprio Marx sobre o domínio colonial inglês na Índia, mas também à pesada herança do tecnicismo, evidente no discurso de Lênin: “O comunismo é o poder soviético mais a eletrificação de todo o país”<sup>1</sup>.

Michael Löwy identifica em Marx, entretanto, uma dialética do progresso<sup>2</sup>. Ao lado do determinismo econômico e da crença na sociedade capitalista como portadora do desenvolvimento, que por muitos anos foi dominante no campo do marxismo, algumas reflexões menos difundidas do autor já afirmavam a preocupação sobre o progresso econômico e a intrínseca relação entre exploração dos trabalhadores e destruição da natureza. É o caso da seguinte passagem: “E todo progresso da agricultura capitalista é um progresso na arte de saquear não só o trabalhador, mas também o solo, pois cada progresso alcançado no aumento da fertilidade do solo [...] é ao mesmo tempo um progresso no esgotamento das fontes duradouras dessa fertilidade”<sup>3</sup>.

Percebe-se em Marx, como aponta John Bellamy Foster<sup>4</sup>, uma tensão na análise sobre desenvolvimento capitalista e as relações sociedade-natureza, o que aparece também na crítica à modernidade da Escola de Frankfurt. Contudo, se os crimes das guerras mundiais do século XX abriram portas para a crítica ao progresso e, mais timidamente, para a chave ambiental nas análises marxistas, fora do centro

<sup>1</sup> V. T. Lenine, *Obras escolhidas* (trad. Instituto Marx-Engels-Lênin, São Paulo, Alfa Omega, 1980), p. 429.

<sup>2</sup> Michael Löwy, “A dialética marxista do progresso”, em Michael Löwy e Daniel Bensaïd, *Marxismo, modernidade e utopia* (São Paulo, Xamã, 2000).

<sup>3</sup> Karl Marx, *O capital: crítica da economia política*, Livro I: *O processo de produção do capital* (trad. Rubens Enderle, São Paulo, Boitempo, 2013), p. 573.

<sup>4</sup> John Bellamy Foster, *A ecologia de Marx: materialismo e natureza* (trad. Maria Teresa Machado, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2005).

do capitalismo, em sua condição periférica, uma série de intelectuais começou a colocar em xeque a perspectiva eurocêntrica, destacando também as contradições específicas experimentadas por seus povos nas relações históricas sociedade-natureza. E é nesse cenário que surge a ecologia política.

### Contribuições da ecologia política para o pensamento de esquerda

A constituição da ecologia política como campo de conhecimento ocorre em paralelo à construção da questão ambiental como assunto de governança global. Inscrita nas discussões derivadas das primeiras convenções da ONU sobre meio ambiente e desenvolvimento, em diálogo com as teorias decoloniais e testemunhando a reprimarização das economias da região e o surgimento de movimentos sociais defensores dos territórios e da natureza, a América Latina foi palco de um encontro entre diferentes aportes disciplinares, gerando uma nova perspectiva epistemológica para entender as relações de poder inscritas nas relações sociedade-natureza.

Sem desconhecer as escolas anglo-saxã e francesa, a construção desse campo na América Latina é produto de um intercâmbio com o mundo ibérico propiciado por figuras como o economista catalão Joan Martínez Alier<sup>5</sup>, fundador da Sociedade Internacional de Economia Ecológica (ISEE, na sigla em inglês) e da revista *Ecologia Política*, que acabou batizando os grupos de pesquisadores e ativistas que, de um e outro lado do Atlântico, mergulharam no assunto. A trajetória de figuras como o filósofo mexicano Enrique Leff e do sociólogo argentino Héctor Alimonda e a criação do Grupo de Trabalho de Ecologia Política no Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais (Clacso) foram estruturantes<sup>6</sup>.

Cabe advertir que, se o centro da problemática estudada é a relação sociedade-natureza, isso não significa uma adesão ao princípio antropocêntrico da modernidade ocidental. Pelo contrário, a ecologia política parte dessa crítica, reconstrói sua historicidade e busca compreender as desigualdades e conflitos dessa relação.

<sup>5</sup> Entre outras publicações, ver Joan Martínez Alier, *Da economia ecológica ao ecologismo popular* (trad. Armando de Melo Lisboa, Blumenau, Edifurb, 1998).

<sup>6</sup> De Enrique Leff, ver, entre outras publicações, *Ecologia, capital e cultura: racionalidade ambiental, democracia participativa e desenvolvimento sustentável* (trad. Jorge Esteves da Silva, Blumenau, Edifurb, 2000); de Héctor Alimonda, ver, entre outras publicações, “Una herencia en Manaos: historia ambiental, ecología política y agroecología”, *Revista Temas*, Havana, v. 44, 2005, p. 4-12.

Um dos pilares dessa perspectiva epistemológica é o entendimento de que a relação sociedade-natureza afeta diferentes níveis das relações materiais e dos imaginários sociais, com implicações na exploração, uso, distribuição, consumo e concentração dos recursos naturais, mas também na forma pela qual compreendemos o que é conhecimento, ciência, saberes e experiências. A ecologia política parte da centralidade das relações de poder existentes não apenas na relação sociedade-natureza, como também entre grupos sociais. Isto é: o poder de poucos grupos sociais tomarem decisões sobre uso, distribuição, modos de consumo e de apropriação da natureza, o que também implica a apropriação da força de trabalho (transformadora da natureza) de outros grupos sociais; e o poder desses grupos organizarem os processos de exploração, produção e transformação da natureza em detrimento de outras formas e modos de vida.

É nesse sentido que a tradição da ecologia política ibero-americana tem como eixo comum a história ambiental, a qual, acoplada ao estudo do colonialismo, permite compreender as consequências das relações de poder sociedade-natureza na construção e controle dos territórios e recursos naturais, mas também dos universos simbólicos de construção de significados que reforçam ou questionam essas relações de poder. Assim, como insistiu Alimonda, a ecologia política não se refere apenas aos problemas ambientais, mas ao entendimento de que todos os problemas chamados ambientais se referem à dimensão política e que todos os problemas políticos têm dimensões ambientais. O que significa dizer que os pactos constitutivos da atual ordem política também são pactos de apropriação e uso dos territórios onde se situam essas comunidades políticas: local, nacional e globalmente.

Assim, a ecologia política põe em evidência a desigualdade da distribuição de poder sobre a natureza nas diversas escalas, ao mesmo tempo que questiona os discursos economicistas que colocam centralidade no desenvolvimento e na resolução das falhas produtivas/tecnológicas, omitindo a dimensão das relações de poder. Em tempos de neoextrativismo, a ecologia política latino-americana, imbuída da luta de diversos povos do campo, das florestas e dos defensores da natureza, tem mostrado a depredação social, cultural e ambiental do modelo de desenvolvimento capitalista, que atualiza a colonialidade da natureza, dos corpos e dos saberes instaurada há 500 anos. Dessa maneira, embora palavras como custos, externalidades, passivos ou bônus tenham tentado construir uma aura (verde) tingida de objetividade, a ecologia política põe em evidência

a violência implícita e explícita, de omissão e silêncios epistemológicos e, como insiste Leff, a existência de diversas linguagens de valoração que se referem a um horizonte de transformação desejado.

### Desafios contemporâneos: para pensar e agir

Diferente do que esperava a crítica ambientalista surgida nos anos 1970, não houve redução da destruição da natureza desde então. Pelo contrário, a crise do neoliberalismo produziu novos formatos para essa destruição, naquilo que David Harvey chamou de acumulação por despossessão<sup>7</sup>. Nas últimas décadas, ademais, os capitalistas têm desenvolvido sofisticados instrumentos de apropriação da questão ambiental para alimentar a acumulação. É a transformação da devastação da natureza em novas mercadorias: créditos de carbono, produtos verdes, tecnologias “limpas” de geração de energia, assessorias para mediação de conflitos ambientais.

Ao mesmo tempo, as lutas sociais foram se tornando ambientais, uma vez que essa dimensão adentrou a vida das classes trabalhadoras de forma devastadora. Aos povos originários e tradicionais, camponeses, ribeirinhos, extrativistas e pescadores artesanais – que desde sempre lutaram contra o aniquilamento de suas vidas e modos de vida – se somaram refugiados do aquecimento global, sobreviventes de enchentes e queimadas, contaminados por produtos químicos e complexos industriais, vítimas de desastres. Todos pobres, periféricos, não brancos.

Nesses novos conflitos sociais, uma economia política da devastação ambiental se apresenta, empurrando, mais uma vez, aqueles que vivem na lógica dos valores de usos para uma lógica dos valores de troca. É o que temos acompanhado, por exemplo, nos processos de reparação das vítimas dos desastres da mineração no Brasil: propostas de indenização por valores de mercado subdimensionados; descon sideração dos danos imateriais e existenciais; negação de reparação para centenas de milhares de pessoas. E os atingidos seguem afirmando: não é por dinheiro, é por direitos<sup>8</sup>!

<sup>7</sup> David Harvey, *O novo imperialismo* (trad. Adail Sobral e Maria Stela Gonçalves, São Paulo, Loyola, 2004).

<sup>8</sup> Para mais informações sobre os processos de reparação nos desastres da mineração, ver Flávia Braga Vieira, María Julia Giménez e Francine Damasceno Pinheiro, “No es por dinero, es por derechos: la matriz indemnizatoria como instrumento de participación en la lucha de las comunidades afectadas por los desastres de la minería”, *Revista Interdisciplinaria de Estudios Sociales*, n. 25, 2022, p. 47-73.

São novas contradições sobre as quais os lutadores sociais, bem como os pensadores de esquerda, precisam se debruçar. Seguindo a máxima de que “os filósofos apenas interpretaram o mundo de diferentes maneiras; o que importa é transformá-lo”<sup>9</sup>, parece claro que as elaborações limitadas do marxismo frente à contradição sociedade-natureza estão sendo superadas e a ecologia política é um dos instrumentos que traz possibilidades de também agir para construir novos horizontes de valoração e um verdadeiro futuro comum.

<sup>9</sup> Karl Marx, “Ad Feuerbach”, em Karl Marx e Friederich Engels, *A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas* (trad. Rubens Enderle, Nélio Schneider e Luciano Cavini Martorano São Paulo, Boitempo, 2011), p. 533.